QUEM MAIS ARDE POR GALATÉIA?

Elizabeth Dias Martins

*Crítica e ensaísta. Doutora em Letras pela PUC-RJ.
Professora Adjunta do Departamento de Literatura e do
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Ceará.*

Incluído entre os cem gênios da literatura de todos os tempos, ou melhor, entre os cem autores mais criativos da História da Literatura, pelo crítico americano Harold Bloom, Camões ali está não só pelo que há de criatividade no seu poema épico, *Os Lusíadas*, mas igualmente pela capacidade criadora, a variedade temática e formal da lírica enfeixada no livro *Rimas*, e a diversidade do seu estro, ao compor com igual qualidade, nos gêneros dramático e epistolográfico. Portanto, é difícil ser repetitivo quando se trata de abordar a obra camoniana.

Nossa atenção se voltará para a poesia reunida nas páginas de *Rimas*, cuja primeira publicação data de 1595, edição póstuma, que suscitou grandes discussões e polêmicas acerca do verdadeiro cânone do poeta português, deixando dúvidas sobre a autenticidade da autoria de muitos dos textos poéticos ali reunidos.

A lírica camoniana é composta de sonetos, canções, sextinas, odes, elegias, oitavas, éclogas (ou églogas) e redondilhas. A métrica ali encontrada varia entre o melhor da tradição popular e medieval das redondilhas empregadas nas cantigas trovadorescas e a feição inovadora do *dolce stil nuovo*, trazido da Itália por Sá de Miranda, na forma de decassílabos.

Tematicamente, a poesia lírica de Camões pode ser dividida nos seguintes núcleos: o da teoria do amor, o da experiência amorosa, o do desconcerto do mundo, o do meditativo, reflexivo e metafísico, o do paradoxo e o do platonismo *versus* aristotelismo. É possível ainda, segundo observa Roberto Pontes, distinguir nos poemas do volume os caracteres residuais trovadoresco, palaciano, clássico, engenhoso e antecipatório. Há ainda um outro modo de classificar a poesia

camoniana quanto ao universo do riso, levando-se em conta os aspectos do *humor* e auto-ironia, dos equívocos, dos trocadilhos, do discurso engenhoso e do sorriso faceto ou graça episódica.

Desta diversidade, elegemos a écloga que tem por *incipit* "Arde por Galatéia, branca e loura", para o desenvolvimento desta análise.

Écloga ou égloga, segundo Raul Xavier, é uma composição poética de caráter descritivo e encomiástico da vida rural ou pastoril:

cuja denominação aplica-se a poemas de Virgílio, imitados dos *idílios* de Teócrito. A estrutura do poema tem por base o diálogo de pastores ou de outros tipos rurais. Desde o séc. XVI até os fins do séc. XVIII, não somente os poemas humanistas, neolatinos, como também os autores de poesia em língua vulgar praticaram esse gênero, salientando-se o italiano Sannazaro com a série intitulada "Arcádia". Em Portugal, o poeta Manuel de Faria e Souza diversificou a temática, com as éclogas "venatórias" (que dizem respeito à caça), "fúnebres", "genealógicas", "monásticas", "críticas", "fantásticas"¹.

Com o tempo, as palavras e expressões "idílio", "églogas", "poesia bucólica" e "poesia pastoril" tornaram-se equivalentes e passaram a ser empregadas e permutadas indiferentemente.

No século XVIII, de acordo com Massaud Moisés, os teóricos acabaram concluindo que:

o apelativo "égloga" diz respeito à forma, vale dizer, assinala todo poema, dialogado ou não, em que se processa uma relativa dramatização, dada pela ação e pelo delineamento psicológico das personagens. Em consequência, apareceram nesse tempo églogas ambientadas nas cidades e centradas em temas políticos, escolares, belicosos, culinários...²

1 XAVIER, Raul. *Vocabulário de Poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p. 39.

2 MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 281.

Pode também significar poema selecionado, escolhido, tirado de uma coleção maior.

Esta égloga de Camões tem por personagem um pescador e não um pastor, aspecto inovador, talvez, para a época. Trata-se, portanto, de uma “piscatória”, termo que designa uma composição literária que tem por assunto a pesca; um diálogo poético entre pescadores ou homens do mar, segundo os dicionaristas.

O poema tem por personagens Sereno e Galatéia. Ele, pescador pobre, que se apaixona pela Ninfa. Ela, na tradição, “uma das Nereidas pela qual, de acordo com a lenda siciliana (Teôcritos, “Idílios”, XI) o ciclope Polifemo apaixonou-se”³.

Na mitologia grega as Ninfas eram personificações femininas de várias coisas naturais – rios, árvores, montanhas, etc. Criaturas esprectrais, sempre foram representadas por jovens belas, amantes da música e da dança, dotadas de vida muito longa sem serem imortais, usualmente gentis, porém às vezes terríveis. As Ninfas dispunham de dons divinos, por exemplo, o da profecia – na realidade elas se assemelhavam a fadas. As Ninfas das árvores chamavam-se Dríades (ou Hamadríades); as das montanhas Oréades. As Ninfas das águas eram divididas em três classes, a saber: as das fontes, rios e lagos chamadas Náíades; as do mar, ditas Nereidas; e as dos oceanos, Oceânides. Segundo lemos nas notas posteriores à obra completa de Camões, em edição da Aguilar, elas eram deusas menores que presidiam as águas do mar ou dos rios, “*Moradoras gentis e delicadas/ do claro e áureo Tejo*”⁴, segundo versos do poeta.

Ainda sobre Galatéia, cabe ressaltar que em outra versão da lenda a Ninfa deu-se de amores por um jovem chamado Ácis. E Polifemo, seu rival, com ciúme da Ninfa, o esmagou sob uma rocha e foi transformado num rio que recebeu o seu nome. Esta última versão, segundo Paul Harvey:

3 HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e latins*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 243.

4 CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 540

foi seguida no libreto escrito por Gay em 1732 para a ópera de Händel "Acis and Galatea", na qual o contraste entre a graciosa ninfa marinha e o gigante desajeitado é agradavelmente expresso pela música."⁵

Na Península Ibérica, Don Luis de Góngora também aproveita o tema clássico em sua *Fábula de Polifemo e Galatea*, mas nada tem este trabalho a ver com o de Camões, como faz ver Eduardo Lourenço no estudo "Camões e Góngora".

Galatéia é também chamada de "mulher viva", pois seria ela a estátua de marfim, esculpida por Pigmalião, pela qual este se apaixonou. Vênus, compadecida de Pigmalião, que desejou ter uma esposa tão bela e perfeita quanto a sua criação, deu vida à estátua. Os dois se casaram e da união propiciada por Afrodite nasceu Pafos. Eis por que Vênus também é conhecida por Páfia, e para seu culto foi erguido um templo na cidade da ilha de Chipre que recebeu o mesmo nome do filho de Pigmalião e Galatéia.

A écloga "Arde por Galatéia, branca e loura", como de resto toda a lírica camonianiana, evoca Amor relacionando-o à Fortuna. Trata-se, no caso em questão, do amor mítico nutrido pelo pescador Sereno por Galatéia, que se mantém indiferente ao discurso do eu-poético. A paixão de um mortal por uma semidivindade dotada de poderes equivalentes ao das fadas, tem paralelo no episódio da "Ilha dos amores", n'Os *Lusíadas*, onde os mortais mantêm congresso sexual com as Ninfas. Num primeiro momento do poema os personagens são apresentados por um narrador que, em terceira pessoa, faz-nos saber o drama por que passa o amador (vs. 1-6):

Arde por Galatéia branca e loura
Sereno, pescador pobre, forçado,
d'ũa estrela cruel, que à míngua moura.
Os outros pescadores têm lançado
no Tejo as redes; ele só fazia
este queixume ao vento descuidado:

6 HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e latins*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 243.

Nessa introdução é importante salientar que o narrador procura deixar patente a diversa atitude dos demais pescadores em relação a Sereno. Enquanto aqueles estão absortos no próprio ofício da pesca, este último se acha ensimesmado no fogo amoroso que o consome, em franca contradição com o seu apelativo. E não poderia ser outro o destino daquele perseguido por “ũa estrela cruel”.

A partir do verso 7 até o fim do poema, verso 64, aparece a voz de Sereno. Do verso 7 em diante temos um solilóquio do protagonista, que encerra uma longa apóstrofe marcada inicialmente por um travessão, e na qual são contadas suas mágoas à Ninfa amada, acompanhadas estas de expectativas, ao cabo de tudo frustradas. Esse solilóquio é pontuado por interrogações retóricas do locutor, dirigidas à alocutária, como se lê nos versos 9, 12, 15, 24 e 45.

Consumido pela paixão, o pescador se dirige de início à Ninfa, e lança, seu queixume ao vento, indiferente àquele que o quer confidente, por meio de quatro interpelações consecutivas (vs.7-24) que são:

– Quando virá, fermosa Ninfa, o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste e vã porfia?
Não vês que me foge a alma e que me enjeita,
Buscando num só riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis, mansa colheita?
Se a esse espírito algũa mágoa toca,
Se de Amor fica nele ua pegada,
Que te vai, Galatéia, nesta troca?
Dar-te-ei minha alma; lá ma tens roubada;
Não ta demandarei; dá-me por ela
ũa só volta d’olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrela
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as asas do Amor perdidas nela.
Que mais posso te dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar d’aljôfar me cobrira
Toda esta praia leda e graciosa?

Camões “jamais se furta ao tom de advertência porque, para ele, o amor é uma lição de virtude, tal como no-lo ensinaram os antigos”.⁶ Tal advertência é a que temos nos versos 7, 8 e 9 da écloga.

Nestes e nos demais versos em que busca comunicar-se com Galatéia, sua hipotética interlocutora, Sereno primeiro indaga quando se dará ela conta da paixão que o fulmina. Após, indaga se não sente que ele perde sua alma em troca de um olhar. E prossegue indagando sobre o que poderá receber em troca do amor que lhe dedica, para, após realizar várias ofertas a sua amada (inclusive a de sua alma), indaga o que mais pode dar-lhe em sinal de amor.

A imagem fugidia de Galatéia parece a Sereno sempre inalcançável, e o pescador tem mesmo consciência disso. Os versos 25 e 26, já a meio caminho do poema, são bastante significativos porque enquanto a natureza, as ondas e o vento, respectivamente, se amansam e acalmam, o íntimo do protagonista, que deveria corresponder ao seu nome; “não sossega;/ arde o peito em vão, em vão suspira.”. Daí em diante o solilóquio enfatiza a turbção interior decorrente do fato de que a natureza está atenta aos lamentos do personagem, e até mesmo uma paisagem noturna e, lunar antecipa a futura emoção romântica (Cidade: 206):

Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! Quantas com meu pranto
Se pararam com mágoa e me escutaram!
Se, na força da dor, a voz levanto,
E ao som do remo que a água vai ferindo,
Perante a Lua meu cuidado canto,
Os maviolos delfins me estão ouvindo;
A noite sossegada; o mar, calado.

O negror da noite enfatiza o clima do poema, composto em torno da tristeza da alma, análoga a uma manhã de bruma, com freqüência entrevista nas zonas marítimas tal qual o poeta já acentuara nos versos 26 a 30:

6 CUNHA, Maria Helena Ribeiro da. *A dialética do desejo em Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.p.112.

Amansam as ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta triste não sossega;
O peito arde em vão, em vão suspira
Ao romper d'alva anda a névoa cega
Sobre os montes d'Arrábida viçosos,
enquanto a eles a luz do sol não chega.

Mas Galatéia, cumprindo o fado das Ninfas, é artificiosa e indiferente, dando ensejo a uma última interpelação:

Só, Galatéia, foges e vás rindo.
Estranhas, porventura, o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta
E um pobre pescador aqui lançado?

A conclusão da écloga tem início no verso 46 e se estende até o 64. Mesmo ciente da indiferença da Ninfa, Sereno continua esperançoso do amor de Galatéia e convida a amada a contemplar os símbolos de sua paixão:

Vejam teus olhos, bela Ninfa, a praia,
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre ele o mar com fúria saia!
Que até'gora nem vento e ar salteia!
Três dias há que escrito aqui deixou
Amor, guardando-o a toda força alheia.

Sereno como que invoca a cumplicidade de Cupido visando a persuasão e a conquista da "coisa amada". E destaque merece o verso 54: "Nunca sobre ele o mar com fúria saia!", sentença de caráter performático, como diria E. Benveniste, porque o eu-poético com este imperativo deseja instaurar uma realidade imutável para sempre.

O próprio Menino é quem ajuda Sereno a escolher conchas marinhas, mais um mimo devido a Galatéia. Desse momento em diante a ternura invade os versos finais da écloga de Camões, que consegue delicadíssimo efeito ao comparar um ramo de coral fresco e macio à boca de sua fugidia semideusa:

Um ramo te colhi de coral brando;
Antes que o ar lhe desse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.

Acerca desde ramo de coral, Hernâni Cidade acentua o “cuidado do pormenor, tão largamente exemplificado nas descrições d’*Os Lusíadas* de que são exemplos os versos” recém-citados.⁷

A respeito do mesmo pormenor Hernani Cidade diz que “Faria e Sousa repreende aqui o que ele julga *inexactidão*, confiado em Plínio, que ensinava o contrário: é que quando, tirado da água, *o ar lhe tem dado* que o coral, antes branco e mole, endurece e se põe rubro (...). Storck, porém, com razão justifica o Lírico: ‘o nosso Poeta – diz ele – era melhor informado sobre corais do que F. e S. e o seu abonador. Existem alguns que são, sob a água, de cor vermelha. Que igualmente lhes assinala a *brandura*, mostra-o a expressão – *coral brando...*’”.⁸

Sob a égide da esperança se atenua o temor do desencanto do protagonista, ele pressente que em breve tempo seja possível mudar seu fado e, com isso, vislumbra a felicidade ao lado de Galatéia:

Antes que dê no céu o Sol ùa volta
se pode melhorar minha ventura,
como acontece aos outros, (...)

O verso final, “Ditoso se o soubesse inda algum dia!”, parece sintetizar a esperança do eu-poético, relativa às interpelações levantadas ao longo do poema.

Na obra camoniana encontramos a presença de Galatéia em inúmeras outras passagens, a saber, *Os Lusíadas* canto VI, estância 90, quando a Nereida é requestada pelo gigante POLIFEMO; nas *Éclogas* 3, 5, 7 e na *Elegia* 4⁹. Daí poder entrever-se, quem sabe, que ao lado de Pigmalião, criador da Ninfa; de Polifemo, ciclope que matou Ácis com ciúme de Galatéia; de Ácis, que por esta nutria maior amor do que

7 CIDADE, Hernani. *Luis de Camões: o lírico*. Lisboa: Editorial Presença, s/d. p. 204.

8 CIDADE, Hernani. Op. cit. p. 204.

9 CAMÕES, Luis Vaz de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988. pp. 159, 357, 396, 405 e 429.

pelos próprios pais; e de Sereno, o infeliz pescador apaixonado pela Ninfa, também estivesse Camões – ardendo de amor, pelo menos mítico, por Galatéia.

BIBLIOGRAFIA

CAMÕES, Luis Vaz de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988.

Dicionário de Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 1987. p.1291. Por J. Almeida Costa/ A. Sampaio e Melo.

CIDADE, Hernani. *Luis de Camões: o lírico*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

CUNHA, Maria Helena Ribeiro da. *A dialética do desejo em Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford Grego de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MARTINS, Elizabeth Dias. “Camões: alegria por trás de triste fado.” In: *Escritos do Cotidiano: estudos de literatura e cultura*. Fortaleza: 7 Sóis, 2003. p. 103-122.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PONTES, Roberto. “Mentalidade e residualidade na lírica camoniana”. In: *Escritos do Cotidiano: estudos de literatura e cultura*. Fortaleza: 7 Sóis, 2003. p. 85-102.

XAVIER, Raul. *Vocabulário de Poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.